

Kurt Lewin e seus conceitos de “situação” e “situação social” (micro dossiê em fase preliminar)

❖ **Meta:**

Estabelecer confrontação inicial com o conceito de “situação social de desenvolvimento” em Vigotski.

❖ **Procedimento:**

Postar e comentar o básico que encontrar até o horário em que precisar dormir desta quarta para quinta (26-01-2017).

❖ **Pertença dos resultados:**

De todas e todos a quem possa interessar desenvolver o tema.

❖ **Conteúdos abordados:**

- (1) O conceito de “**situação social**” está ligado, em Lewin, à “análise do campo de forças”.
- (2) A “equação de Lewin” e a “**situação momentânea**” da pessoa em compreender seu comportamento.
- (3) “Dinâmica de grupo” e “**situação**” eliciando comportamentos.

(1) O conceito de “situação social” está ligado, em Lewin, à “análise do campo de forças”

“O campo de forças proporciona um quadro de referência para olhar para os fatores (forças) que influenciam uma *situação*,

originalmente *situações sociais*. Permite olhar para [investigar - ADJr] forças que podem ser tanto um impulso do movimento na direção da realização de uma meta (*forças auxiliares*) como um bloqueio do movimento na direção da realização de uma meta (*forças impeditivas*)” (Traduzido da Wikipédia em inglês, verbete “Kurt Lewin”¹).

Comentário meu:

Se (e somente se) o autor do verbete da Wikipédia, conhece bem a teoria e usa os termos corretos, penso que há diferença metodológica entre K. Lewin e L. S. Vigotski. Pois a “situação social de desenvolvimento” de Vigotski não é apenas “influenciada” por forças motivadoras que, ao seu turno, podem ser ajudadas ou impedidas por outras forças externas vindas do “campo”, ou da “situação social”. A situação “social do desenvolvimento de Vigotski” é, por si mesma a

¹ A produção dessas anotações foi restrita à madrugada da meia noite às 6 da manhã do dia 26 de janeiro de 2017. Não tenho como ir adiante agora, pois tenho consulta média após o almoço e devo interromper. Peço perdão se parti de um conhecimento meramente enciclopédico para iniciar meu trabalho. Mas apelo para que não tenhamos preconceitos antes de começar a ler. Porque existem ótimos estudiosos que mantêm verbetes nessa mídia pelo mundo todo, e não se pode avaliar apriori. De minha parte não encontrei ali nada de “desleixado”, “sem sentido” sem “simplista”. O verbete cita várias referências bibliográficas para tudo que expõe. E é melhor que muitos artigos publicados em revistas brasileiras que já tive a infelicidade de ler. Claro que não estou satisfeito com apenas isso. Mas para começar em apenas seis horas de trabalho, entendo serem boas pistas e só por isso compartilho. As ferramentas podem ser imperfeitas, mas se usarmos ao máximo que podem render, alguma coisa de avanço pode começar a se dar, tanto mais que o problema foi levantado há poucos dias pela profa. Talitha Coelho e só hoje pude começar a desenhar um caminho para avaliar a questão, das relações entre Lewin e Vigotski quando ao conceito de “situação social”. Obrigado por sua compreensão. Na sequência iremos diretamente a fontes clássicas e a estudiosos sérios das mesmas.

própria “força motriz” do surgimento de novos arranjos das funções psíquicas em seus sistemas, e das necessidades sociais dotadas de sentido, da pessoa concreta que no interior da relação social é impulsionada a agir, mas porque faz parte ativa dela. E a frustração ou o atendimento das necessidades sociais criadas pela própria situação social, se passa como algo imanente à situação social, não advém de algo metafísico, nem fisiológico universal de fora da situação concreta (multideterminada)...²

Porém, se fosse o contrário, e Vigotski só reproduzisse que a “situação social” apenas recebe ou emite influências do aparato humano orgânico) tal “situação social de desenvolvimento” ficaria apenas como algo parecido com um “cenário” ou “palco” externo para a peleja dos jogos entre “**forças internas**” (que movem o organismo) e “**forças externas**” (que ajudam ou emperram o movimento das forças internas). Teríamos mais uma luta “interno x externo”. A situação social como um cenário, ou palco, e não a situação social como a totalidade do drama de papéis sociais uma ação contraditória (combinada e díspar) que se desenvolve nesse cenário. Ou seja, como ação combinada e díspar entre seres humanos e não só suas carências e a capacidade dos outros de supri-las ou não. O social em Vigotski não é pano de fundo. Do qual pintam essas ou aquelas figuras em contraste, o social é uma dinâmica de relações não só o espaço onde elas se dão. Mas vamos em frente.

² Nós podemos desenvolver isso às suas últimas conseqüências, mas não agora.

(2) A “equação de Lewin” e a “situação momentânea” da pessoa em compreender seu comportamento

“A equação de Lewin, $B = f(P, E)$ ³. Isto estabelece que o comportamento é uma função da pessoa em seu meio A equação e a fórmula mais bem conhecida do psicólogo em psicologia social, da qual Lewin foi um pioneiro. Quando ela foi apresentada no livro de Lewin "Princípios de Psicologia Topológica, publicado em 1936 [dois anos após a morte de Vigotski, nota minha AD]r., ela contradizia as teorias mais populares em que era dada importância mais à *situação momentânea* da pessoa, na compreensão de seu comportamento, do que dependente inteiramente de seu passado.” (Traduzido da Wikipédia em inglês, verbete “Kurt Lewin”).

Comentários meus:

(a) Considero interessante abordar o ato de comportamento como função de uma “relação pessoa e meio”, até porque pode ser uma relação entre pessoa e outras pessoas (formando um meio social) mas de novo o meio não o que está fora da pessoa, pois a pessoa faz parte do próprio meio, Vigotski diz que meio social não lhe é externo porque a pessoa é atora, mais experiente ou menos do jogo dramático que constitui a situação social. Mas o comportamento como uma função tira o caráter ontologizado do comportamento e da atividade em teorias mecanicistas da mesma, pois o comportamento acontece não porque foi definitivamente fixado, acontece quando é convocado a acontecer por forças motrizes sociais situacionais, e situadas na cultura, na sociedade e na história da humanidade... O comportamento não é a totalidade da vida psíquica, o comportamento é como o ser humano se

³ Por extenso “Behavior it’s function of Person in Environment”, em português seria “Comportamento é função da Pessoa no Meio” – ou de modo não muito próprio “ $C = f(P, M)$ ” – nota minha, AD]r.

comporta em função da dialética pessoa e ambiente, isso parece muito bom... Desde que o ambiente não seja apenas o pano de fundo como já referido antes.

(b) A psicologia topológica pode ajudar, com seus campos, áreas, zonas, modo pelo qual o campo está configurado em situações mutáveis etc. Mas reitero que não dá para reduzir desenvolvimento a medidas de área, nem talvez a desenhos de vetores sobre o movimento da pessoa dentro dessa área, atraída por umas valências ou repelidas por outras. Ficaria bem dinâmico de se representar no *intra* o qu é também *extrapíquico* ou *intersíquico*, como assistir uma peça de teatro ou uma grande partida esportiva de grande qualidade técnica, o campo está lá, o palco está lá as pessoas se ***movem em diferentes direções, mas e a formação do*** intrapsíquico como ficaria?

(c) Existe avanço também, se a equação $\mathbf{B} = f(\mathbf{P}, \mathbf{E})$ contradiz os modelos teóricos, porque os contesta e a eles se contrapõe, apenas com uma descrição positivista dos eventos “aqui e agora”, como ocorre no behaviorismo, que não se importa com a vida interior da pessoa, mas apenas como ela se comporta em situações “de momento”. Pois Vigotski nunca desconsidera o desenvolvimento passado. Apenas entende que o desenvolvimento futuro é mais importante pois continuará contendo o passado, mas ainda terá a potência de superá-lo... Isso não importa se Lewin chegou a radicalizar desse modo ou não, mas Vigotski em momentos tardios de seu trabalho social, mostra a fragilidade do behaviorismo, tanto quanto não se apegava ao passado como estruturante definitivo, tal qual em setores da psicanálise. Vale a pena conversar mais sobre isso... com ou sem apoio, tampouco centralidade de Lewin no interior do “campo conceitual”.

(3) “Dinâmica de grupo” e “situação social” eliciando comportamentos

“Em um artigo de 1947, Lewin cunha o termo ‘dinâmica de grupo’⁴. Ele descreveu esta noção como o caminho pelo qual grupos e indivíduos agem e reagem⁵ a circunstâncias mutáveis⁶. Este campo [ou “dinâmica”? AD]r.] emerge como um conceito dedicado ao avanço do conhecimento na *natureza dos grupos*, suas leis, estabelecimento, desenvolvimento, e interações com outros grupos, indivíduos e instituições⁷. Durante os anos iniciais de pesquisa sobre *processos grupais*, muitos psicólogos rejeitaram a realidade do fenômeno grupal. Críticos partilhavam a opinião de que grupos não existem como entidades cientificamente válidas. Era dito pelos céticos que as ações de grupos eram nada mais que aquelas de seus membros considerados separadamente. Lewin aplicou sua fórmula interacionista “ $B = f(P, E)$ ”, para explicar o fenômeno grupo, onde as características pessoais de um membro (P) [Person], interação com os fatores ambientais do grupo (E) [Environment], seus membros e *a situação* [social] que elicia o comportamento (B) [Behavior]. Dado sua bagagem em Psicologia da

⁴ Eu não sabia, que o termo não existia antes de dele (!!!) - nota minha AD]r.

⁵ Diferenciar entre “agir” e “reagir” é primordial em Vigotski - nota minha AD]r.

⁶ É justo disso que precisamos saber - nota minha AD]r.

⁷ Desse modo a abordagem pode ficar excelente, permitindo entrar com os recursos parcialmente desenvolvimentos por Vigotski, no “campo” das *instituições*, (tão miseravelmente relado ao estruturalismo francês como o de Foucault, por exemplo, quando não a abordagens de mais baixo nível puramente funcionalistas e de apoio total à manutenção da reprodução da expropriação nas chamadas “organizações”, por vieses positivistas). Tanto quanto no “campo” da vida política e toda a dinâmica social da luta de classes. Isso particularmente me interessa sobremaneira, desde que do pondo de vista da dialética materialista, como para pensar a rede institucional que formas sistemas de saúde pública, ou para pensar a trama espinhosa das relações entre movimentos sociais, partidos e organizações políticas contestatórios do status quo em seu conteúdo aparente, mas, em sua forma essencial, integrados ao *modus operandi* político convencional e conservador nos moldes da legalidade burguesa.

Gestalt, Lewin justificou a existência do grupo usando o dito “O todo é maior do que a soma das partes”. Ele teorizou que quando um grupo é estabelecido ele se torna um SISTEMA unificado com qualidades emergentes que não podem ser compreendidas avaliando os membros individualmente.” (Traduzido da Wikipédia em inglês, verbete “Kurt Lewin”)

Comentários meus:

(a) Sim permanece um tanto lógico formal a distinção entre a **situação social**, que “emite estímulos” e “elicia comportamentos”, se abstrairmos o fato de que as pessoas ativamente produzem modos de agir que impactam sobre os comportamentos umas das outras. Então é quase impossível pensar a situação social como algo que se “soma” ao conjunto dos membros do grupo. Pode haver mais coisas na situação social além dos membros dos grupos, como: (1) o lugar físico onde as pessoas se “agrupam”, (2) os equipamentos técnicos que usam, (3) os símbolos culturais que estão adornando o local. E tudo que não sejam as pessoas como tais... Mas, definitivamente, nada pode ser “social” em essência ontológico-dinâmica, sem que haja seres sociais na situação... A sala ou qualquer tipo de espaço passível de ser ocupado por pessoas, pode estar cheia de objetos culturais que são produção da sociedade. Mas estão tal locação sem nenhuma pessoa presente, ela não permite a existência da situação social. Porém isso já está bem enfatizado por nós nos comentários anteriores.

(b) O que causa renovado desejo de aprofundamento aqui, nem é tanto a “**situação social**” tal como concebe Lewin, mas o conceito de “**dinâmica de grupo**” e “**grupo como maior que a soma dos participantes**”. Porque: (a.1): de algum modo o que Vigotski chama de “situação social de desenvolvimento” está muito mais contemplado pela dinâmica de relações sociais (desde as com a mãe e outros

familiares para o bebê; até as várias relações da criança escolar com seus colegas e professores), do que pela “situação como mera esfera de ‘produção’ de vetores de força ampliadora ou redutora, para forças internas”... E porque (a.2): a noção do todo ter algo de qualitativamente superior à soma das partes, mesmo que não advinda diretamente de Hegel ou de Marx, tem uma conotação dialética fundamental. Relativa ao problema dos saltos de qualidade entre a soma das partes e a constituição de uma totalidade. Tema que não pode, de modo nenhum, ser desprezado por um dialético materialista sério em psicologia, no campo do projeto de Vigotski para tal ciência.

(c) No meu ponto de vista, e já venho tateando isso desde 2001, e registrado por escrito em 2009, existem diferentes planos da relação social como:

- (c.1) a luta de classes;
- (c.2) as instituições da sociedade de classes,
- (c.3) os grupos nas instituições ou transitando por elas,
- (c.4) as relações intersubjetivas nas díades face-a-face, e
- (c.5) a própria pessoa como ser social.

Porém Vigotski, até onde li, fala mais sobre “c.5” e “c.4”, toca algumas vezes em “c.1”, mas deixa “c.2” e “c.3” um tanto no vácuo. Estou convencido que a formação da personalidade não se dá só pela internalização de uma relação entre “duas pessoas”. Digamos, como entre “professor-aluno”. Esse tipo de simplificação ultra esquemática, até pode ser usada para fins didáticos, mas é abstrata demais com relação à vida real, concreta, multideterminada... No colegiado de uma escola de ensino fundamental, por exemplo; numa sala de aula; numa reunião do grêmio escolar ou do movimento estudantil em geral; numa

brincadeira com adultos e crianças envolvidos; num cuidado que a mãe dá para o bebê, enquanto pai ajuda e a avó e as visitas conversam e dão ajuda ou palpites; nada pode ser apenas entre duas pessoas. Percebemos?

O que se internaliza é toda essa dinâmica grupal que produz a situação social real. Não se internaliza de modo algum tão somente como filmagem de uma cena de filme ou peça de teatro, mas como maneiras de se relacionar que estão em jogo ali de modo dinâmico e que permitirão um rearranjo das correlações de forças entre sistemas de funções psíquicas e neoformações que guiam suas relações interfuncionais... Então já daria para ficar melhor a conversa do que aquela falação sem sal de que “primeiro é inter- depois é intra-”. De que é “primeiro *uma* criança e *um* adulto” e só depois “a criança com ela mesma”. De que é primeiro “social” depois “individual”. Primeiro “professor e aluno”, depois é apenas “o aluno com isso apropriado”. Todas estas são apenas exemplos um tanto artificiais, de formas diádicas de composição da “situação social de desenvolvimento” realmente existente. Tais exemplos ainda carregam o risco de fixar concepções unilaterais e dualistas na relação interno e externo, se forem mecanicistas ao supor que é apenas o adulto que “conduz” a criança a internalizar algo, e não a relação social dialética criança-adulto que proporcional a internalização.

Assim, o próprio problema da “dinâmica de grupo” abre mais horizontes teóricos e práticos a partir de Kurt Lewin que sua concepção de “**situação social**” como conjunto de estímulos especiais, no interior de um campo... Mesmo que não sejam todos os estímulos existentes no ambiente, mas os mais carregados de “valências” (forças de atração/repelência). Mas não só uma configuração de fonte de estímulos para agir ou deixar de agir, seria a

“situação social de desenvolvimento” no sentido vigotskiano do termo, mas sim todo o modo de agir daquele coletivo social grupal. Em sua trama dialética similar à de um drama, no sentido mais radical do termo. Algo que nenhum animal realiza, mesmo que em cenas particulares ricas em “interações” entre eles e deles com objetos presentes no seu campo. Como um macaco entre outros, usando varas para pegar frutos ou subindo pelos galhos das árvores para fazê-lo, etc. Nesse caso fica muito difícil falar de “grupos sociais”. Temos apenas uma relação de vínculo gregário arcaico que se forma como bando, não como grupo. Ponho minha aposta de avanço mais nisso, do que nos pontos anteriores.

Achilles Delari Junior (pelo CED-BR)

26 de janeiro de 2017.